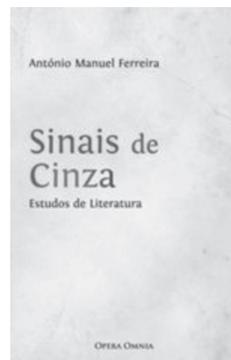


Sinais de Cinza: Estudos de Literatura

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

Guimarães, Opera Omnia, 2012, 502 p.



As consequências da literatura

Nascendo do fogo criador, a literatura também é cinza: testemunho vital de uma combustão.

António Manuel Ferreira

Sinais de Cinza: Estudos de Literatura, de António Manuel Ferreira, Professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Aveiro, é um grosso volume de quinhentas e tal páginas sobre os mais variados escritores de países de língua portuguesa – Portugal, Moçambique e Brasil. De obras canónicas e outras já com um estatuto de centralidade literária e cultural mais ou menos segura (como no caso da escritora moçambicana Paulina Chiziane), António Manuel Ferreira inclui ainda ao longo destes extensos e marcantes ensaios alguns dos mais conhecidos escritores modernistas portugueses que têm em comum serem, ou terem sido, «estrangeirados», pertencentes todos eles a uma outra diáspora nossa, que também já vem de longe mas que no século passado conheceu uma espécie de apogeu quanto a quantidade e significância da sua escrita. O próprio título deste volume – sinalizando logo parte da sua temática – é retirado ou inspirado no romance *Sinais de Fogo*, de Jorge de Sena, ele próprio uma das nossas figuras emblemáticas dos que voluntariamente se «desenraizaram», ou foram «desenraizados» pelas circunstâncias históricas e políticas do nosso país. Por entre as obras de alguns escritores fundamentais na nossa língua (desde Fernando Pessoa, José Régio, Branquinho da Fonseca e Fernanda Botelho aos

brasileiros Machado de Assis e Roberto Gomes, por exemplo), *Sinais de Cinza* inclui análises contextualizantes e comentários críticos a esses e a outros autores, que serão mais conhecidos entre outros escritores e poetas (estatuto prestigioso noutras latitudes, a que os americanos chamam de *writers' writer*) do que entre qualquer público leitor em geral – Luís Carlos Patraquim, Alberto de Lacerda, Rui Knopfli e Eugénio Lisboa.

Há uma riqueza dupla na prosa ensaística de *Sinais de Cinza*: linguagens escuras, claríssimas, quase despidas do jargão académico, supostamente teórico e falsamente «científico», que geralmente mais não serve senão para ofuscar ideias ou a ausência delas, como aliás nos lembra Onésimo T. Almeida no seu recente *Utopias Em Dói Menor*. É raro encontrar, como encontramos nestas páginas, uma escrita quase tão aliciante como os próprios textos ficcionais, autobiográficos ou poéticos que são o objecto destes estudos. Quando num autor se combina uma grande capacidade hermenêutica com a expressão limpa e, uma vez mais, comunicativa com um espectro relativamente alargado de um público letrado, teremos como que um outro escritor, e não um «académico», a escrever sobre os seus pares.

Quando António Manuel Ferreira fala, a propósito da poesia de Joaquim Manuel Magalhães, nas «consequências do lugar» ou no já conhecido «regresso ao real» numa poesia que a partir dos anos setenta se contrapõe a um «lirismo» vazio e vazio de sentido colectivo, creio que também poderemos deduzir que a visão do crítico e ensaísta nestes textos leva-nos à velha questão de «literatura e sociedade», ou seja, cada texto vale não só pelo interiorismo expresso do seu escritor ou poeta, pela originalidade com que se vê a si próprio e a capacidade de transfigurar a sua condição existencial em arte, como sobretudo pelo lugar a que pertence, indivíduo e comunidade ou sociedade num dialogismo inevitável, sobressaindo todo o espírito de uma determinada geografia humana e de uma época. Se a literatura é essencialmente *memória*, o registo criativo de quem somos e como somos, o narcisismo textual poderá trazer algum prazer momentâneo aos seus leitores, mas a sua inconsequência depressa o colocará nas estantes acolhedoras de pó e esquecimento. É este o fio condutor, ou o fio temático, que faz de *Sinais de Cinza* uma narrativa simultaneamente quase autónoma dos próprios textos que aborda enquanto os torna num distinto *corpus* literário adentro da nossa Tradição, que se renova vivamente, primeiro a partir do Brasil e depois a partir de alguns outros países lusófonos e de Portugal, particularmente desde meados do século XIX até aos nossos dias. Será ainda essa linearidade temática por entre os mais tradicionais e originais formalismos na reinvenção que cada autor imprime aos seus personagens e ao seu meio vivencial que se

transforma numa outra história da nossa literatura modernista (o *presencismo* é aqui lembrado num ou noutro passo), mas agora num contexto de uma língua comum modificada e enriquecida em geografias e historicidades dispersas.

A rejeição e a procura do «lugar» que cada escritor vive e enfrenta em cada uma das épocas aqui retratadas funciona como que um *Leitmotiv* de página a página em *Sinais de Cinza*. Desde o homoerotismo em escritores tão diversos como Jorge de Sena (*Sinais de Fogo* e *Grã-Capitães*) e alguma poesia de Joaquim Manuel Magalhães, a contos brasileiros que começam com Machado de Assis e persistem na modernidade literária do mesmo país, às consequências de se viver – existir – num lugar marcado por ideologias e mundividências impostas ou enraizadas, cada um destes textos lidos e (re)interpretados tem de ser visto com o olhar e entendimento de como os personagens saem livres ou reprimidos também pela religiosidade reinante em culturas como as nossas, o paraíso perdido nunca reencontrado por nenhum deles. No caso específico da já referida romancista moçambicana Paulina Chiziane, temos ainda a degradação do lugar da mulher em comunidades tribais em conflito perpétuo entre as tradições locais e o Catolicismo para lá levado e imposto, com os seus mitos genesíacos, agora híbrido mas não menos repressor ou anti-feminilidade. É como se todos eles, na luta pela sua liberdade e dignidade, estivessem à procura de outras pátrias, reais ou imaginárias, numa fuga constante aos lugares mais recônditos, ou então mergulhados na desagregação social e cultural suburbana dos nossos dias.

Quase como contraponto a esta temática da dialéctica entre o individuo e a sociedade, temos os escritores que nasceram nas ex-colónias africanas e optaram por uma pátria sem mapa, a vivência desterritorializada num mundo que, de qualquer modo, requer movimento constante, reajustamento a outros espaços, línguas e modo de estar. Todos eles viveram em Portugal durante uma ou outra fase da sua vida, mas os seus referenciais humanos e artísticos foram como um mosaico íntegro mas necessariamente de cores e formas variadas. O seu «lugar», mais do que dependente em qualquer dádiva de aceitação por parte das sociedades em que se encontravam, foi por eles sempre escolhido e vivido à margem de ditames ideológicos ou de tradições vigentes e controladoras da vida nessas outras geografias. Em comum, têm todos eles a experiência da odisseia de descoberta perpétua no nosso tempo, a vida verdadeiramente num plural sem fim. Escreveram ou escrevem na língua portuguesa, mas nem sempre a definem como «pátria», tão-só a aceitam e cultivam porque foi essa a sorte histórica que lhes coube. Jorge de Sena saiu meio voluntariamente meio forçado de Portugal, mas Eugénio Lisboa optou, em andanças múltiplas na sua vida pós-africana, em permanecer em Portugal. Rui Knopfli deixou Moçambique e

também procurou um nicho noutras partes antes de vir morrer no nosso país. Luís Carlos Patraquim recorda a indignidade do ser humano ante conceitos como os «assimilados», perversão política ou cívica fabricada para controlo colonial absoluto, ficando uma teia devoradora entre a cidadania e escravidão um pouco mais amena, com especial crueldade para as mulheres. Com todos estes escritores, a modernidade literária portuguesa – a revitalização da própria língua e de linguagens referentes a outras realidades – deu um salto enorme, em termos de abrangência temática. Afinal, o vector principal da nossa história foi sempre a peregrinação, raramente por vontade própria nossa – como ainda hoje acontece, e com força e números redobrados. Resta pouco, mas resta também uma grande literatura, que não apenas de viagens, mas que testemunha na beleza das suas invenções o destino de todo um povo, ou povos.

Estrangeiro na sua terra natal – escreve Manuel António Ferreira a respeito do poeta Rui Knopfli, nascido em Moçambique –, «também não encontrou abrigo confortável em Portugal: na literatura moçambicana, inflamada pela palavra politicamente utilitária, Rui Knopfli era português; na literatura portuguesa, não menos inflamada por essa e outras utilidades, era moçambicano. Onde encontrar, portanto, Ítaca, aonde regressar?».

Sinais de Cinza: Estudos de Literatura é esse raro momento, entre nós, de ideias e aprendizagem sem nunca negar ao leitor o prazer do texto.

Vamberto Freitas